

As posições políticas e as práticas do partido Vanguardia Comunista frente à Ditadura da “Revolução Argentina” (1966-1973)

Brenda Rupar¹

Resumo: Em 1966, Juan Carlos Onganía chefiou o movimento que inaugurou o quinto golpe de Estado na Argentina num contexto nacional e internacional de radicalização das lutas operárias e populares. Existem muitas pesquisas sobre movimentos guerrilheiros do momento, porém é preciso desenvolver estudos sobre as organizações da esquerda revolucionária não armada. No presente trabalho pretendemos contribuir nesse sentido, apresentando o acionar da primeira organização maoísta da Argentina sob a ditadura da “Revolução Argentina” (1966-1973). Vanguardia Comunista constituiu-se no ano 1965 como o primeiro partido maoísta da Argentina, protagonizou vários dos conflitos operários mais relevantes da época e seus militantes foram duramente perseguidos pelos diferentes governos ditatoriais. Seus posicionamentos e práticas foram mudando naquele período, conforme mudavam as condições políticas internas e externas. Um dos objetivos do trabalho é identificar quais foram os diferentes momentos e explicar as mudanças acontecidas. O trabalho forma parte da minha pesquisa doutoral sobre as origens do maoísmo na Argentina e as fontes principais serão os próprios materiais editados pelo partido, além dos panfletos e jornais da época.

Palavras-chave: Ditadura, movimento operário e popular, maoísmo.

A conformação de Vanguardia Comunista

A década de 1960 significou um ponto de inflexão no Movimento Comunista Internacional. Isso na Argentina se conjugou com os debates e problemas que tinham os Partidos Comunista e Socialista para dar resposta aos grandes contingentes de trabalhadores peronistas, num contexto de proibição e perseguição ao movimento, enquanto o exílio do líder.

Como parte das críticas que existiam e muito influenciado pelo triunfo da Revolução Cubana e outros movimentos de libertação nacional e social na Ásia e África, surgiram as organizações da chamada Nova Esquerda.

Vanguardia Comunista (VC) foi um dos partidos que se formou nesse contexto. Surgido do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV), que tinha se criado no ano 1961 do PSA pelas críticas que fez à direção pelo tratamento ao peronismo e o apoio ao Golpe de 1955, rapidamente encontrou os limites em um grupo que tinha se conformado

¹ Doutoranda em História na Universidad de Buenos Aires. Mestranda em História na Universidade Federal Fluminense. UFF-UNQ-CONICET.CAPES. brendarupar@yahoo.com

basicamente pela oposição à direção anterior.² Segundo Elías Semán (um dos três principais dirigentes de VC),

El viejo PSAV constituyó el intento de conciliar el marxismo-leninismo con el populismo. La dirección (...), resolvió la contradicción a partir de la crisis partidaria, renunciando al marxismo-leninismo. (...) Hace un año el PSAV (...) incurrió en el seguidismo abierto del peronismo. (SEMÁN:1964;51)

Evidentemente, a necessidade de “virar” à classe trabalhadora peronista, se confundiu com o chamado “entrismo”, como se denominou à pratica de se inserir no Partido Justicialista ou nos agrupamentos que este fazia, sem nenhuma intenção de disputar a linha política deles.

A crise se manifestou em 1963 e no ano 1965, mais precisamente em abril, um grupo de alguns poucos militantes começaram o caminho de formação de uma nova organização. “Vanguardia Comunista fue inicialmente un círculo de propaganda de ideas revolucionarias, integrado mayoritariamente por estudiantes y profesionales”, segundo o militante Américo Soto (SOTO, 2004, s/d). Nesse sentido, na preocupação de discutir algumas teses vigentes e de se definir como unidade, publicaram três escritos que balizaram as primeiras definições teórico-ideológicas: “Derrotemos al Revisionismo”, “El Partido Marxista Leninista y el Guerrillerismo” y “Denunciamos el falso comunismo de Codovilla”(recopilação de artigos), todos eles escritos entre 1964 e 1965.

Nestes, ainda não constituídos como partido, eles fazem uma serie de definições. A primeira delas, a necessidade de continuar a tradição marxista leninista. Por isso, adotam a ideia de formar um partido, coisa que desenvolveram os próximos anos, com a conformação das direções, as células, a continuidade da publicação do jornal No Transar (dirigido por Elias Semán, quando ainda fazia parte do PSAV), a criação das zonas ou regionais, e a chamada “proletarização” dos quadros.

Se se analisam os títulos dos três escritos mencionados, outra coisa chama a atenção: a própria afirmação dependia ao mesmo tempo da diferenciação e disputa com outras correntes políticas e estavam dispostos a dar a batalha. Nos interessa em particular o tratamento que fizeram com o Partido Comunista Argentino (PCA). “ Partimos de la inexistencia en la Argentina del destacamento de vanguardia de la clase obrera y de la imposibilidad del Partido Comunista para cumplir ese papel”, escreveram em 1964(AAVV, 1964, s/d). Embora tenham saído do PSA, eles se reconheceram como herdeiros da tradição que em algum momento soube ter o PCA (“ En la Argentina fueron los mejores militantes del

² Para aprofundar a história do Partido Socialista Argentino, sugerimos a leitura de TORTTI, 2009

movimiento obrero los que se reunieron en el Partido Comunista” (AAVV, 1965,s/d) e que, como parte da luta internacional contra o “revisionismo”³, eles deviam recuperar. Nesse sentido, nos documentos “Derrotemos al revisionismo” e “Denunciamos el falso comunismo de Codovilla” lemos

Nosotros rendimos homenaje a los fundadores de ese partido; a los hombres que difundieron la ideología del leninismo en la clase obrera argentina; que fueron fieles al internacionalismo proletario; que se opusieron a las desviaciones del movimiento comunista internacional; que combatieron el reformismo socialdemócrata (...)(AAVV, 1965,s/d)

(...)El Partido Comunista Argentino, que hace mucho tiempo -más allá de la actual polémica en el movimiento comunista internacional- sigue una línea errónea desvinculada de los intereses de la clase obrera para intentar subordinarlos a los de la burguesía, ha abandonado definitivamente el único instrumento capaz de posibilitar una rectificación. En efecto, la dirección del PCA, al adherir al revisionismo contemporáneo y renunciar a las enseñanzas de la historia del movimiento comunista internacional conducido por Marx, Lenin y Stalin, negados hoy por el revisionismo, renuncia a la herramienta teórica que le permitiría rectificar sus errores para señalar el rumbo a la clase obrera y se integra a una política contrarrevolucionaria a nivel nacional e internacional. (...)Si el revisionismo en general es la política que favorece al imperialismo en las filas obreras, el caso del Partido Comunista de la Argentina es la más grosera de las caricaturas de la política revisionista. Este Partido divorciado de las masas y de la clase obrera, realizando ingentes esfuerzos para ser aceptado a la cola de la última manifestación de progresismo de la burguesía, que su espejismo le permite vislumbrar, es la manifestación más consecuente del revisionismo y la traición a la clase obrera (AAVV, 1964,s/d)

No mesmo documento, depois de fazer essa caracterização, vão fazer um chamado aos militantes que ainda quiserem fazer parte de uma organização certamente revolucionária:

(...)Para los marxistas leninistas de Argentina queda planteado el deber de contribuir a la lucha internacional del proletariado, derrotando y superando la dirección revisionista del Partido Comunista. Para los marxistas leninistas que todavía pertenecen al Partido de Codovilla, y para los que no pertenecen a él, la misión es derrotar y superar la política del revisionismo. (AAVV, 1964,s/d)

Retomando os debates e as tarefas que desenvolvimos mais em cima, o dia 5 de abril de 1965 esse grupo que se propunha a reconstrução do marxismo leninismo na Argentina adotou o nome de Vanguardia Comunista.

³ Termo usado principalmente na esquerda para criticar e acusar a quem abandona ou abre mão do caminho da revolução

Em paralelo com os seus primeiros passos como organização, também o país começaria uma nova etapa. Em junho de 1966, Juan Carlos Onganía inaugurava o quinto golpe de Estado na Argentina. Com ele, avançava a determinação das classes dominantes de “modernizar” o país e acabar com a crise política e social aberta com o derrocamento do Perón em 1955. Frente ao sucesso se manifestaram diferentes posições. Perón desde o exílio falou de “desensillar hasta que aclare”⁴, gerando algum tipo de expectativa em alguns setores da população. O peronismo era ainda a força principal no movimento operário, mas não era homogêneo: teve alguns dirigentes que participaram e/ou colaboraram com a ditadura, mas também existiram e se manifestaram correntes que se radicalizaram. Existiam além outras tendências como os “radicales”⁵, os socialistas, os militantes independentes, e uma esquerda marxista que foi se radicalizando até a conformação e ressurgimento de correntes classistas no movimento operário. Vanguardia Comunista se insere neste último grupo e a evolução que fez nesses anos nós permite compreender não só os debates internos, senão também a necessidade de dar resposta às mudanças que estavam acontecendo no campo popular.

As primeiras definições (1965-1968)

Como parte das críticas que tinham feito ao PSA primeiro e ao PSAV depois (entre a oposição por direita ao peronismo e o “entrismo”), e mesmo no contexto da polémica entre o Partido Comunista da Rússia e o Partido Comunista da China, os criadores de VC definiram a necessidade de retornar à luta revolucionária (entendida como a via armada). Entendemos que ao menos dois foram os acontecimentos que ajudaram para algumas dessas definições. Por um lado, a situação de conflito no próprio país. Embora não estivesse no pico da luta, desde a ocupação do frigorífico Lisandro de La Torre em 1959 e as ocupações generalizadas dos anos 1963 e 1964, o panorama para a classe operária se mostrava como de confronto crescente. Por outro lado, o contexto internacional desses anos estimulava a luta armada. Nos referimos principalmente ao triunfo da Revolução Cubana, que entusiasmou aos jovens da época e mostrou para o mundo que o socialismo era possível, até mesmo na frente dos Estados Unidos. Elías Semán tinha viajado a Cuba para se aperfeiçoar na sua formação (sobre tudo militar) e ao regresso dele, as influências fizeram se sentir ao interior da organização. Sobre qual foi o tipo de repercussão existem divergências: por um lado, Semán publicou em 1964 “El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo”, um folheto onde avança na disputa

⁴ É uma metáfora. Quem cavalga de noite, desce do cavalo (“desensilla”) e descansa até ter luz e ver o caminho.

⁵ Faz referência aos militantes da Unión Cívica Radical (UCR)

com outras correntes e em este caso o faz com os “antirevisionistas” que caem no “izquierdismo”. Entre eles estariam os “guerrilheristas”, termo depreciativo usado para aqueles que só “exaltan uma técnica”, “son aventureros” y “escinden los elementos objetivos y subjetivos para hacer una revolución (...) negando la teoría leninista del Partido” (SEMÁN, 1964). Porém, em escritos mais recentes dos Partidos que ainda disputam o legado de VC, se fala que o debate não estava saldado⁶ (voltaremos logo sobre esse ponto). Reconhecem que embora as críticas ao foquismo⁷, o partido não conseguiu fazer nada alternativo.

Outra definição importantíssima (e ligada à anterior) do período 1965-1968 vai ser a adoção do maoísmo como suporte político ideológico. Já mencionamos a existência de um debate entre o PCUS e o PCCh. Na verdade, no começo dos anos 60s este último acusou ao primeiro de ter revisado os princípios do marxismo leninismo e ter virado “revisionista”, abrindo uma crise que atravessou o período e atingiu todos os partidos comunistas do mundo e a esquerda em geral, como vimos anteriormente. Tomando posição quase desde o início, VC dirá que “al incorporarnos a la lucha mundial contra el revisionismo ubicando el papel conductor del Partido Comunista Chino, reafirmamos la necesidad de constituir el destacamento organizado de la clase obrera, su vanguardia, su Partido”(AAVV, 1964, s/d). No ano 1966⁸ viajou à China a primeira delegação oficial, estreitando os laços. O PCCh reconheceu VC como interlocutor válido na Argentina e começou uma relação que durou todo o período que estudamos. Aí o partido adotou várias premissas que guiaram a experiência dos chineses: a guerra popular prolongada, os métodos da revolução nos países dependentes, a necessidade de um Frente Único de todas as classes e sectores sociais interessadas na revolução que de um Exército Popular, ambos chefiados pelo Partido (AAVV, 1969, 10). Mas a adoção mais importante foi aquela de que a revolução era do campo à cidade, e é aí que adotaram em parte a ideia do foco. O partido resolveu que muitos militantes abandonassem as universidades, as suas profissões, etc. e fossem para o campo. Definiram que o centro do trabalho seria na Província de Jujuy (que limita com a Bolívia e onde o “Che” estava desenvolvendo a sua guerrilha), entretanto também enviaram pessoas a Chaco, Córdoba e Tucumán.

A seguinte viagem à China foi em 1968. Em elaborações posteriores, alguns dos militantes disseram que “Las opiniones de los camaradas chinos sobre el trabajo de masas nos

⁶ Referimos principalmente al texto de Américo Soto

⁷ Isto é, a ideia de que um grupo isolado pode e deve ser o início do movimento revolucionário

ayudaron a corregir una incipiente desviación militarista rural que se estaba incubando en VC.”(AAVV, 1995, s/d). A partir daí, se concentraram em reforçar a construção de Partido e viraram ao trabalho entre o proletariado (todavia principalmente nas áreas rurais porque continuava a ideia da revolução do campo à cidade). O militante Jorge Weisz foi para Jujuy no norte da Argentina a trabalhar como eletricitista no engenho Ledesma (propriedade da oligárquica família Blaquier), Rubén Kristkauský foi para Córdoba para seguir politicamente os contatos que tinham com os trabalhadores da IME-Fábrica Militar de Aviões, e Elías Semán foi para uma localidade perto de Rosario, onde ficava o grande frigorífico norte-americano Swift. Abria-se assim um novo período na história do partido que viveu 1969 como um ano de grandes definições.

1969

Com o eixo do trabalho colocado entre os operários industriais, ia se preparando outra grande mudança: a concepção do caminho da revolução. O proletariado dessas fábricas encontrava-se principalmente nas grandes cidades, e foi assim que os quadros se instalaram nas principais localidades: Buenos Aires, Córdoba, Rosario e Tucumán.

Começaram também a preparar as condições para fazer o primeiro congresso, onde aprovariam as novas teses que orientavam agora ao Partido.

O boletim que publicaram a inícios de 1969 se chamou “Proyecto de Resolución sobre constucción del Partido. Vanguardia Comunista em marcha hacia la constitución del Partido Comunista Revolucionario”⁹. O texto está dividido em cinco partes ou capítulos numerados e titulados. Basicamente os temas giram em torno à necessidade histórica da criação do partido, os fundamentos políticos e ideológicos e uma quantidade de definições iniciais sobre o armado dele. Nele, se sintetizam tanto as ideias que já tinham constituído o coração da organização e que publicaram anteriormente, como as últimas mudanças que tinham feito. Chama poderosamente a atenção que o documento não analisa em profundidade a Formação Económica Social da Argentina, mas alguns fatos importantes da história do movimento operário nacional e do Partido Comunista. Também, avança sobre a análise da conjuntura política dos últimos anos e fundamentalmente da caracterização do peronismo. Sem adentrarmos nela neste trabalho, consideramos suficiente citar que para VC

⁸ É preciso sinalar que existem divergências sobre a data da primeira viagem: CELENTANO (2012) diz que foi em 1965 e Sergio Ortiz, (AAVV, 2009) indica que recém em 1968. Por alguns outros dados, nesta pesquisa vamos a adotar até confirmação, que teve um em 1966 e outro em 1968.

La lucha contra esta influencia ideológica, política y práctica de la burguesía nacional peronista sobre las mayorías obreras, *es la tarea más importante* [destacado da autora] que los comunistas revolucionarios debemos efectuar en la lucha por la elevación de la conciencia política del proletariado al nivel del marxismo-leninismo-pensamiento de Mao Tse-tung. (AAVV, 1969, 8).

Coagula no documento de um jeito bastante forte aquela ideia sobre que deviam “preparar e iniciar la guerra popular que se desarrollará desde el campo para rodear y finalmente tomar las ciudades” (AAVV, 1969, 5). Sobre o tema vão voltar varias vezes no texto, manifestando uma forte orientação política. Consequentemente, tinham uma grande preocupação por ganhar aos camponeses. Assim, chegaram afirmar que

el crecimiento del partido en el proletariado industrial va posibilitando el envío de cada vez más importantes contingentes de cuadros proletarios para desarrollar el trabajo revolucionario entre los campesinos. (AAVV, 1969, 21).

Encontramos uma tensão entre a definição do centro do trabalho entre o proletariado e o caminho revolucionário do campo à cidade. Eles resolveram falando do trabalho do proletariado rural, mas para esse momento o principal do proletariado se concentrava nas principais cidades do interior do país (onde eles também tinham enviado dirigentes). Tempo depois, o militante Américo Soto escreveu sobre o período que

Durante los primeros años de VC la forma que adquiriría esa vía revolucionaria en nuestro país tomó contornos erróneos, fruto del dogmatismo hacia la experiencia de China. Se adhirió a la teoría de la “Guerra Popular Prolongada” (GPP) con centro en las zonas rurales, aunque a diferencia de China se privilegiaban aquellas que tuvieran población de obreros rurales que laboraban en los cultivos de caña de azúcar, la madera, tabaco, yerba mate, arroz, té, vid, etc. (SOTO, 2004)

Outra coisa que achamos no documento é uma análise da situação da luta desse momento bastante por detrás do que a história demonstrou. Escrito a inícios de 1969, não achamos indicio claro do que explodiu alguns meses depois. Pelo contrário, a sua leitura da realidade política até pode se considerar por detrás da situação.

Esse ano foi um ponto de inflexão para a luta do povo argentino. Já nos anos anteriores, conforme avançavam os planos “racionalizadores” da auto titulada “Revolución Argentina”, os estudantes e os sindicatos tinham ido colocando-se na oposição, gerando-se um amplo arco opositor. Maio de 1969 foi um mês quente demais, mas não pela temperatura

⁹ Esse era o nome que pensavam usar, mas outro partido que surgiu do PCA colocou antes. A versão original

no outono argentino. Muitas das coisas que já iam se manifestando, se condensaram dando lugar a um salto qualitativo na luta sindical e política. Corrientes e Rosario foram os primeiros cenários, mas foi em Córdoba onde aconteceu o mais importante levantamento que foi chamado “Cordobazo”.¹⁰ O que aconteceu nesses dias marcou os anos seguintes. Tal situação desconcertou a VC, que embora tenha participado ativamente das jornadas, não previu nem se propus dirigir o movimento (e claro, também não tinha as condições). Demais está assinalar que pelos acontecimentos o congresso resultou adiado até 1971, quando finalmente foi feito.

Evidentemente, tanto por estarem nos inícios (no sentido de preocupados por existir e se definirem) como por algumas das teorias que abraçavam, essas jornadas passaram e quase poderiam ter aplastado a nascente organização. Mas a Argentina que emergiu daí deu a possibilidade às tendências mais diversas e novas oportunidades a todas para se medirem e disputarem o fértil campo da luta popular nesses dias.

Depois do “Cordobazo”

O título deste apartado pode resultar curioso. Mas a escolha responde ao dito anteriormente sobre as mudanças que apareceram a partir daí. Se o Cordobazo não acabou de imediato com a presidência antidemocrática de Onganía senão uns meses mais tarde, no conflito a ditadura saiu no mínimo ferida de morte. Um dos fenômenos que se apresentou no movimento operário foi o ressurgimento de uma corrente que partindo das reclamações imediatas dos trabalhadores nas fábricas, se colocaram na frente da luta pelas reivindicações sobre passando inclusive aos dirigentes sindicais tradicionais que acostumavam arrumar todo às costas dos operários. Tudo isso, a traves de formas mais democráticas de participação na toma de decisões. E tanto o clima que havia no país como essas novas direções, facilitaram que essa forma organizativa virasse só da luta sindical e viesse a discutir e se posicionar frente à ditadura". Para VC começava um caminho de definições aceleradas, o adiamento do esperado congresso e o assassinato do primeiro companheiro: o respeitado militante Emilio Jáuregui. Pelo que tinha acontecido (o Cordobazo que contradisse algumas das teses mais importantes deles) , fizeram algumas autocríticas e ajustes à linha antes do evento. Em 1970, escreveram que os erros foram devido a que quiseram fazer coincidir as características da revolução na Argentina com às da China, que acabou com uma má caracterização do país y do caminho revolucionário,

foi de outubro de 1968. (AAVV, 2009)

¹⁰ Para conhecer mais sobre o Cordobazo e as lutas da época, sugerimos a leitura de Brennan (1996) e Rugar e Nassif (2013),

perdendo tempo importante demais (AAVV, 1970). A disputa sobre a direção desses trabalhadores era permanente se deva principalmente entre correntes peronistas, dirigentes independentes e diferentes partidos da esquerda. Embora não exclusivamente, entre os da esquerda ocorreu que o debate da necessidade da revolução para a classe operária esteve mais presente.

Vanguardia Comunista desenvolverá a partir dali diversas experiências entre as quais se destaca o rol no sindicato SITRAC da FIAT, na Provincia de Córdoba. Conseguiu rapidamente participar de eventos e lutas importantes nesses seguintes 3 anos. Finalmente, a partir de 1973, com o chamado a eleições, (condicionadas porque não podia se apresentar o Perón) se abriu uma nova etapa na Argentina, onde continuavam as lutas mas sob outras condições.

Reflexões finais

As novas organizações dos anos 60 tiveram que se posicionar com respeito à situação da política nacional, internacional, fazer as suas definições político ideológicas e sair à disputa da população em um contexto de crescente radicalização. Os acontecimentos do final da década lhes permitiram medir o nível de correção das suas teses. No caso de Vanguardia Comunista, o primeiro partido na Argentina o que aderiu organicamente ao maoísmo, os fatos lhe demonstraram que alguns erros provocavam o desencontro com a classe operária. Neste trabalho tentamos precisar quais foram as mudanças nas suas teorias e práxis para compreender que elementos influenciavam à organização. Fica pendente aprofundar nos aspectos da luta no terreno da disputa política dos trabalhadores e as experiências que fizeram.

Referências

Fontes

AAVV, **Vidas y Luchas de Vanguardia Comunista**, Tomo II, Nuevos Tiempos, Buenos Aires, 2009

AAVV, **Cuadernos Rojos**, N2, CC de Vanguardia Comunista, Mimeo, setiembre 1970

AAVV, **Derrotemos al Revisionismo** Ed. No Transar, Bs As, 1964

AAVV, Partido de la Liberación, **Breve historia del Partido de la Liberación**, documento aprobado por el Comité Central del Partido de la Liberación en su XVII reunión plenaria, 8 y 9 de julio de 1995.

AAVV, Partido Vanguardia Comunista, **Denunciamos el falso comunismo de Codovilla**, Ed. No Transar, Bs As, 1965.

AAVV, Partido Vanguardia Comunista, **Proyecto de Resolución sobre construcción del Partido. Vanguardia Comunista en marcha hacia la constitución del Partido Comunista Revolucionario**, 1969

SEMAN, Elías, **El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo**, Ed No Transar, 1964. Usamos versión editada por El Topo Blindado, Buenos Aires, 2013.

SOTO, Américo, **Vidas y Luchas de Vanguardia Comunista**, Tomo I, Nuevos Tiempos, Buenos Aires, 2004

BRENNAN, James, **El Cordobazo**, Sudamericana, Buenos Aires, 1996

CELENTANO, Adrián, **La formación de Vanguardia Comunista, de la crisis del socialismo a la adopción del maoísmo y el problema de la construcción del partido revolucionario entre 1965 y 1969**, Ponencia presentada en las VII Jornadas de Historia Política. Tandil, 6 y 7 de setiembre de 2012.

RUPAR, Brenda; Acumulación y radicalización obrera: Industrialización dependiente, concentración monopolista y conflicto social en el marco de la “Revolución Argentina”, en GALAFASSI, Guido (comp); **Apuntes de acumulación. Capital, Estado, procesos socio-históricos de (re)producción y conflictividad social**, Theomai Libros. Ediciones Extramuros, Quilmes, 2014.

RUPAR, Brenda; NASSIF, Silvia, Aproximación al estudio de las luchas de la clase obrera a fines de los ´60s y principios de los ´70, em MATEU, CRISTINA (org), **Momentos y aspectos de la lucha política y sindical de la clase obrera argentina**. Em prensa desde 2013. Ed La Marea

TORTTI, María Cristina, **El “viejo” partido socialista y los orígenes de la “nueva” izquierda**, Prometeo, Buenos Aires, 2009.

TORTTI, María Cristina, **Izquierda y nueva izquierda en la historia reciente de la Argentina** (ponencia presentada en el Primer Coloquio Historia y Memoria, Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de La Plata, abril de 2002).

